

Para Swann e sua alegria de viver

*“Atormenta-me o problema de saber como seria possível
representar de maneira plana, bidimensional,
algo tão corporal como nossa teoria da histeria.”*

S. Freud, *Carta a Breuer*, 29.6.1892

O interdito do imaginário fez muito mal aos psicanalistas em seu trabalho de pensar o real. Não é certo que se deva decidir contra a imagem em proveito do dizer ou do número. Quando se trata do real psíquico, a questão permanece: qual a diferença entre pretender dizer esse real com conceitos, escrevê-lo com números e mostrá-lo com artifícios imaginários?

A introdução que Lacan faz da topologia nos anos 1960, e em particular os recentes desenvolvimentos sobre os nós, constitui, a meu ver, uma tentativa de apreender o real por meios imaginários e, como veremos, mais que imaginários, fantásticos – meios que denominarei artifícios topológicos. Esse modo de considerar a topologia como tendo mais a ver com o desenho do que com o cálculo, mais com o quadro-negro do que com o papel, e mais com o mostrar do que com o demonstrar se opõe

à crença de que fazer topologia é, para os analistas, fazer ciência. Para traçar uma linha de demarcação entre a topologia clássica e a nossa, seria preciso proceder como na linguística e inventar um nome, por exemplo, “topologia” (estou convencido de que a criação da palavra “linguística” foi benéfica para desfazer um grande número de mal-entendidos).

Isso posto, resta saber se o interesse dos psicanalistas pela topologia corresponde a uma espécie de sofisticação, de preocupação com problemas ínfimos, fragmentares e inconsequentes, próprios do derradeiro período agonizante de uma teoria, ou, ao contrário, se esse interesse corresponde à reconstituição, inaugurada por Lacan, de uma nova estética transcendental, conforme a experiência não do sujeito do conhecimento, mas do sujeito do inconsciente.

Porém, o que é esse real que exige uma topologia para ser abordado e de que topologia se trata? Respondamos em duas línguas levemente diferentes: uma freudiana, outra lacaniana.

Freud supunha dois mundos reais e desconhecidos: um externo; outro psíquico, interno. Apoiando-se em Kant, alegrava-o concluir que, dos dois, somente o real interior tinha alguma chance de ser cognoscível.¹

Duas observações virão complicar essa simples divisão dos mundos. Em primeiro lugar, mesmo que o real interno possa ser apreendido, é preciso haver um dispositivo externo, mas dependente das condições desse mesmo real in-

terno. Para Freud, esse dispositivo técnico não é o conceito, o pensamento ou o conhecimento, mas a própria experiência psicanalítica. Ora, os dois mundos aparentemente separados se interpenetram na relação analítica sob a forma cruzada de um quiasma que liga o desejo do paciente ao do psicanalista. É uma fronteira tão larga que absorve os dois mundos que aparta.

Além disso, segunda observação, no final da vida Freud passou a conceber de outra forma a divisão interno-externo. Sem de fato explicitá-lo, admitia que o aparelho psíquico tinha uma extensão no espaço, e que o espaço, por sua vez, era a projeção desse aparelho.²

No entanto, apesar desses últimos questionamentos, a obra freudiana e, em geral, a clínica analítica revelam embaraços com essa intuição inextirpável de que o psiquismo é um dentro limitado por uma superfície (a pele) voltada para o real externo.

A dualidade dos reais freudianos é sucedida por uma topologia lacaniana que põe em jogo relações mais precisas. Em vez de dois reais, há um só, unívoco, sem divisão, definido essencialmente por sua modalidade de ser impossível de representar, e no qual a psicanálise situa a dimensão do sexo à exaustão. Diante do real há o sujeito; e entre os dois, o conjunto dos meios com os quais o sujeito aborda esse real do sexo: meios relativos aos significantes e meios relativos ao objeto *a*. Os primeiros meios são chamados sintomas; os segundos, fantasias. Assim, entre o sujeito e o sexo estão diversas relações causais, em geral

paradoxais, constitutivas do que a psicanálise chama de realidade. É dessa realidade psicanalítica que a topologia tenta dar conta.

Quatro relações, ou melhor, quatro pares paradoxais de conceitos que definem a realidade são recriados, postos em cena por nossos artifícios topológicos.

Eis aqui, brevemente, cada um desses pares e o ser topológico que os figura:

- a demanda e o desejo, figurados pelo toro;
- o sujeito dividido e seu dizer – um dizer significativo –, figurados pela banda de Moebius;*
- um significativo e os outros, figurados pela garrafa de Klein;
- finalmente, o sujeito em sua relação com o objeto (fantasia), figurado pelo *cross-cap* (esfera provida de um *cross-cap*).

Retomemos cada um desses pares pontualmente na forma de uma pergunta:

- O primeiro par diz respeito à questão da repetição: como aceitar que seja preciso repetir duas voltas para retornar ao ponto de partida e constatar que alguma coisa se perdeu quando, aparentemente, apenas renovamos o

* A psicanálise adotou a tradução “banda de Moebius” para *bande de Moebius*, mas na matemática a expressão usada é “faixa de Moebius”. (N.E.)

mesmo gesto? Contudo, para realmente perder, é de fato preciso dar a volta duas vezes. Explico. A primeira volta corresponde ao traçado de uma repetição local chamada demanda, ao passo que a segunda compreende a série contínua das repetições. Dessas duas voltas resulta o desejo. A demanda, na sua expressão mais simples (*fig.1*),

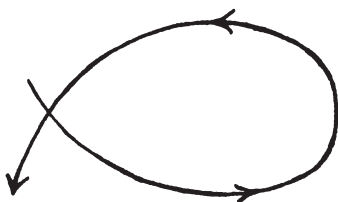


FIGURA 1. Uma demanda local.

é uma mensagem endereçada ao Outro que retorna ao sujeito na sua forma invertida, mas sem que o corpo seja afetado por isso; ou seja, sem que nada se destaque da pulsão. É preciso que a primeira volta de uma demanda local encontre a volta de uma segunda demanda para que haja, de fato, separação; ou, também, não haverá desejo enquanto uma série contínua de demandas (pelo menos duas) não se fechar. O toro nos permite pensar o traçado de duas voltas contínuas (“oito interior”) e o furo central que daí resulta, o lugar do objeto faltante do desejo (*figs.2 e 3*).

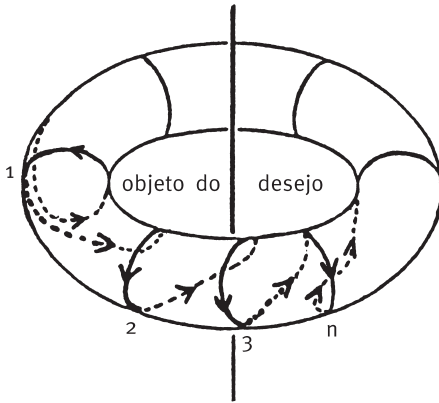


FIGURA 2. Série de demandas num toro: 1, 2, 3, n...

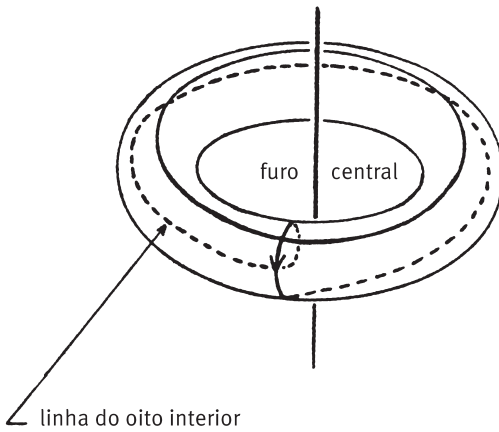


FIGURA 3. Oito interior ou épora da série de demandas no toro.

- O segundo par diz respeito à questão do sujeito. Como é possível que sejamos sujeitos no momento em que somos apenas um dizer e que sejamos, simultaneamente, o suporte ausente das futuras repetições? Ou então, como é possível que sejamos outro, que mudemos pelo mero fato de dizer? Introduzido há muito tempo na teoria lacaniana, o ser topológico que figura bem essa antinomia do sujeito é a banda de Moebius. Em vez de definir o sujeito, a banda de Moebius nos irá mostrá-lo. Mas seria errado identificar diretamente o sujeito com a banda e dizer, apontando para ela: aqui está o sujeito. Não, o que nos interessa na banda de Moebius é o fato de que sua propriedade de ter apenas uma borda muda se realizarmos nela um corte mediano (é o que ocorre, ao menos no caso de uma fita com uma semitorção apenas). Nesse momento, isto é, no momento de cortar seguindo a linha mediana da banda e descrevendo com a tesoura uma curva fechada (que volta a seu ponto de partida), a banda propriamente dita desaparece. O resultado é uma fita que já não é uma banda moebiana (*figs.4 e 5*).

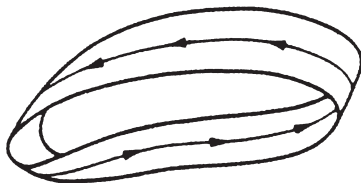


FIGURA 4. Banda de Moebius.



FIGURA 5. Fita não moebiana obtida após corte.

- Portanto, não basta representar o sujeito no espaço, faz-se necessário também o ato de cortar, de traçar uma curva fechada. O ato de dizer é da mesma ordem, pois o significante determina, fende o sujeito em dois: ele o representa e, representando-o, o faz desaparecer. É cortando a banda que se poderá dizer: aqui está o sujeito.
- O terceiro par diz respeito à questão da relação, tão difícil de conceber, entre um significante e o resto da cadeia significante. Difícil de conceber porque se trata de apreender como um conjunto de elementos significantes só tem consistência se faltar um e, sobretudo, se esse um faltante se encontrar na parte externa do conjunto ou constituir sua borda. A cadeia significante consiste se, e somente se, um significante lhe “ex-sistir” como sua borda. Contudo, quando se tenta detectar essa lógica do par significante – S_1 (o Um) e S_2 (o conjunto) – por ocasião do aparecimento de um sintoma durante a análise, por exemplo, impõe-se de imediato a questão da relação entre essa formação do inconsciente (sintoma) e o próprio inconsciente. A resposta correta, embora

mal formulada, seria: só há inconsciente ali onde há sintoma, nem antes nem depois. Também teríamos podido empregar a expressão “imanência” e formular: o inconsciente é imanente ao significante-sintoma. Nenhuma dessas duas fórmulas é adequada para figurar a lógica da relação entre um significante e os outros significantes. Recorramos, então, à topologia. Aqui, a referência não é o corte, mas o que costuma ser chamado de círculo de reviramento da garrafa de Klein. A família das curvas constitutivas da trama dessa superfície segue um movimento tal que, ao se dobrar sobre si mesma, adota, de certa maneira, a forma do gargalo de uma garrafa. À primeira vista, o tal círculo de reviramento corresponderia, portanto, ao gargalo, ou seja, ao contorno de um furo. Com efeito, topologicamente falando, esse círculo pode ser reconhecido ao longo de toda a superfície, como se o gargalo fosse reconhecível

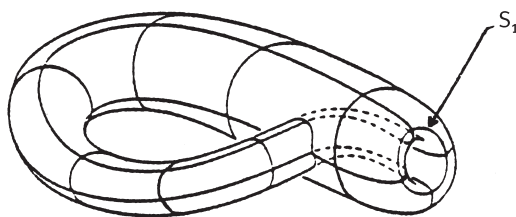


FIGURA 6. Garrafa de Klein.

tanto na base, no colo, quanto em qualquer ponto do corpo da garrafa. O círculo de reviramento representa

para nós a exceção, S_1 , que pode aparecer em qualquer ponto da superfície e condiciona sua consistência.

- Por fim, o quarto par diz respeito à questão da relação do sujeito com o objeto (questão que mais se aproxima dos dois reais freudianos). Como entender que o sujeito possa incluir em si e ao mesmo tempo se incluir num objeto que, no entanto, lhe é radicalmente exterior e heterogêneo? Em outras palavras, como entender que o que chamamos de fantasia não seja uma imagem no interior da economia psíquica do sujeito, mas um aparelho, uma edificação exposta, estendida na realidade, confundindo-se com ela? O fato de nos mostrar que o dentro e o fora são uma única e mesma coisa é que dá valor ao *cross-cap*. Acompanhemos uma formiga que parte de um ponto do lado anterior do lobo esquerdo, por exemplo; ela passa pela linha de falsa interseção e, imediatamente, encontra-se no lado posterior e interior do lobo direito até encontrar, de novo, ainda no lado interno, mas pela frente, a linha de falsa interseção. Ela sai, então, atrás do lobo esquerdo no seu lado externo, percorre o lado posterior e depois o anterior até encontrar seu ponto de partida. Terá, portanto, passado do exterior ao interior e do interior ao exterior sem ter constatado nenhum limite, sem ter cruzado nenhuma fronteira. Para a formiga, não houve nenhuma diferença entre um suposto interior e um suposto exterior de nossa superfície. Se considerarmos esse trajeto da

formiga como o traçado em forma de duplo laço de um corte, ele terá recortado em duas partes o *cross-cap*: uma

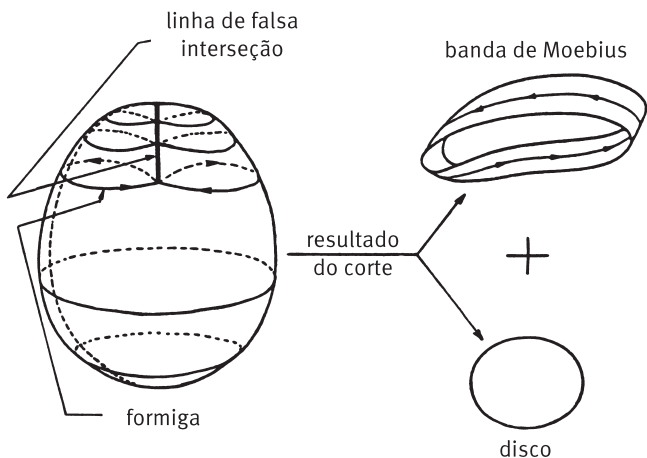


FIGURA 7. Recorte da esfera provida de um *cross-cap*.

banda unilátera (de um lado só) de Moebius, que representa o sujeito, e um disco bilátero (de dois lados), que representa o objeto *a*. Encontramos aí os três elementos da articulação da fantasia propostos por Lacan: o sujeito (\mathcal{S}), o corte (\diamond) e o objeto *a*.

*

Cada um desses seres geométricos (exceto o toro e, em certa medida, a banda) que acabamos de mostrar é resultado de um certo forçamento operado pelo mergulho de uma super-

fície abstrata no espaço ambiente euclidiano. A superfície abstrata é, em si, irrepresentável em nossas dimensões intuitivas habituais,³ a menos que se force e se produza uma representação não regular, bastarda, de uma superfície que não existe a não ser como variedade de um espaço abstrato. Como se vê, a topologia com que os psicanalistas pensam e trabalham não é nem a topologia geral nem a algébrica. Embora se aproxime da topologia combinatória, ela é, em última instância, uma topologia muito particular que eu caracterizaria como *mostrativa e fantasística*. Nós trabalhamos não com equações, números e letras, mas com tesoura, giz e elástico.

Ora, esses seres, esses lugares, são reais ou fictícios? Nem um nem outro. São artifícios singulares, efetuações espaço-temporais que, à maneira de um teatro especial, dramatizam o paradoxo: a separação do desejo se torna um furo, o percurso repetitivo das demandas segue o traçado de um oito (duplo laço), ou ainda o significante da exceção (S_1) adota a forma do gargalo de uma garrafa. São como elementos intermediários entre o domínio topológico estrito de onde procedem e os pares de conceitos paradoxais da teoria analítica. Não constituem verdadeiras superfícies porque, devido à sua imersão no espaço ambiente, são representações não regulares; tampouco são conceitos, segundo a aceção usual, porque seu sentido não pode nem ser explicado nem demonstrado, ele se mostra. Ele se mostra desenhando, cortando ou colando.

No entanto, seria um erro crer que essa superfície que não é uma superfície e esse conceito efetivado singular-

mente no espaço, esses *mistos*, como os denominaria Albert Lautman,⁴ são a metáfora, boa ou ruim, do paradoxo. Eles não ilustram o paradoxo, são o ser mesmo do paradoxo. Não diremos que o conceito de sujeito é ilustrado pela banda de Moebius, mas, insisto, mostraremos a banda e, cortando-a ao meio, diremos: *isto* é o sujeito. O artifício não designa o ser do sujeito, ele o é.* A representação já não é lida, ela é praticada e é essa prática que lhe dá seu sentido. O sentido está no uso da representação. Ora, quem diz uso também diz malogro e fuga. O que escapa quando se trabalha com esses *mistos topológicos* é o *corpo*. Entendam bem: não o corpo como extensão ou como imagem, mas como lugar parcial de gozo: gozo do olhar e do tocar. Praticar a topologia significa tratar a representação com o corpo e, assim, inscrever essa prática no conjunto de nossas produções fantásticas. Pois o que é a fantasia senão uma ação, um agir até nos confundir com o pouco de corpo que perdemos?

Apesar das objeções que tal abordagem “clínica”⁵ da topologia pode suscitar, tenho duas razões para me aferrar a ela. Primeiro: por que não aplicar à nossa prática da topologia o conceito de gozo que empregamos no trabalho com nossos pacientes, e pensar que a parcela de gozo que essa prática comporta (olhar e tocar) nada mais é do que a transformação do gozo presente no tratamento sob a forma da fantasia? Como se fosse possível falar de transmissão

*No tocante a isso, e numa fórmula geral, diríamos que o ser do psíquico, o estatuto ontológico do psiquismo, é precisamente a topologia analítica.

fantasística de uma prática para outra. A topologia que trabalhamos não escapa do aforismo lacaniano: “Não há metalinguagem.” Em outras palavras, não há linguagem (nem mesmo a do manejo dos seres topológicos) que não seja posta em xeque pelo gozo.

A segunda razão que me atém à topologia concerne ao imaginário dos psicanalistas. Como é que a prática com os objetos topológicos pode transformar, nos analistas que a ela se entregam, as condições de seu imaginário? E em que medida esse imaginário modificado, adaptado às exigências da topologia, pode levá-los a escutar de outra forma os seus analisandos e a sua própria experiência? Parto do pressuposto de que no analista que maneja frequentemente esses artificios a familiaridade que acaba adquirindo em relação a eles pode acostumá-lo, se não a perceber, a imaginar até certo ponto um espaço outro, mais próximo da representação topológica do real psíquico. Já não se trataria de pretender eliminar a intuição em benefício de um suposto formalismo topológico, mas de transformá-la. Quem sabe, então, o exercício da topologia permita abrir o campo de um novo imaginário ligado à experiência do inconsciente.

* *

*